



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO OPÚSCULO RIO PURÚS, DE ‘A. R. P. LABRE’

Eliane Gemaque Gomes Barros¹
Noêmia de Sousa Chaves²

INTRODUÇÃO

É preciso estudar o Brasil, com seus encantos e as suas tristezas, para amá-lo conscientemente; estudar a terra, os animais, a gente do Brasil.

Roquette-Pinto

A Amazônia diante de sua grandeza e diversidade tem contribuído significadamente com estudiosos de todas as áreas do conhecimento. Dentro desse contexto, tem apresentado papel fundamental no desenvolvimento de pesquisas. Sob o olhar dos estudos literários, a Amazônia vem sendo palco de grandes relatos e registros historiográficos da vivência humana no processo de colonização.

O presente trabalho realiza uma leitura sobre a representação feminina descrita no opúsculo *Rio Purús*, incluso na obra *Coronel Labre*, de Hélio Rocha. Para tanto nos amparamos nos autores Euclides da Cunha, em *À margem da história* e em *Um paraíso perdido*: reunião de ensaios amazônicos; assim como Neide Gondim, em *A invenção da Amazônia*, para o devido embasamento teórico que versa sobre a colonização da Amazônia, e em Frantz Fanon, em *Os condenados da terra*, sobre a descolonização do ser e o medo do outro, pois estes autores apresentam em suas obras relação com o assunto tratado. Neste sentido, demonstramos como Labre descreve a figura feminina no processo de colonização da Amazônia, especificamente na região do rio Purús.

¹ Mestranda do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: egemaque@yahoo.com.br

² Doutora em Filosofia área de pesquisa Bioética. Professora na União das Escolas Superiores de Rondônia – UNIRON. E-mail: nc_eutimi@hotmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

espaço amalgamado de raças e culturas (caboclos, indígenas, nordestinos, ribeirinhos, negros e estrangeiros), as quais influenciam toda a formação social que entrecruza florestas, rios, e terras áridas.

A partir de estudos realizados na disciplina de Imaginação Literária e Historiografia Amazônica, é possível afirmar que a divulgação dessas memórias ambientais e históricas, dispostas em relatos de viagens, registros de observâncias e história oral é possível remontar o passado e presente desta região, assim como o convívio entre o homem e o ambiente, sendo ainda sim, um mistério a ser desvendado. Nas palavras de Euclides da Cunha em *Um paraíso perdido* (2000, p. 12) a “Amazônia continua sendo, talvez, a mais estudada e a menos conhecida das regiões”. É com essa motivação que buscamos enveredar, um pouco que seja, por esse belíssimo cenário, que é a Amazônia brasileira, em especial na colonização de uma cidade às margens do rio Purus.

Diante desse fato, Edward W. Said, em *Cultura e Imperialismo* (2011, p. 24), esclarece que os escritores “estão profundamente ligados a história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus”. Vejamos que a história literária inserida no contexto amazônico repercute na sua maioria pelo apelo ou caráter colonizador versus colonizado, assim, demonstra que a marginalização ou não das figuras representadas retratam em seus diferentes períodos semelhanças quanto ao processo de colonização.

1. A. R. P. LABRE

Labre não inventou, nem inaugurou o Purus. Ele inventou Lábrea, o centro político da região do Médio Purus.

Hélio Rocha

Assim, conforme registros sobre as representações da Amazônia brasileira, como bem descreve Hélio Rocha em *Microfísicas do Imperialismo* (2012, p.11), “a década de 80 foi reconhecida por muitos historiadores, preservacionistas,



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

ambientalistas e ecologistas como a “década da destruição da floresta amazônica”. Neste sentido, são vários os registros encontrados na literatura que abarcam e disseminam relatos de viagens que tratam dessas representações. Assim sendo, com base na literatura amazônica brasileira realiza-se uma leitura da representação feminina presente no texto “Rio Purús”, parte anexa do livro *Coronel Labre*, de Hélio Rocha, a partir da visão colonialista de Antonio Rodrigues Pereira Labre, no processo de colonização da região do Purús. É pertinente explicitar que conforme registros, Rocha (2016, p. 23) afirma que:

[...] primogênito – Antonio Rodrigues Pereira Labre, que nasceu no dia 1 de janeiro de 1827 na vila de Pastos Bons. [...], foram-lhe reservados, desde a mais tenra idade, cuidados especiais no seu preparo intelectual, recebendo esmerada educação humanística. Era Labre dotado de vocação extraordinária para as viagens e para tudo que tivesse sabor de aventura, pois era fascinado pelo desconhecido. Convém esclarecer que o termo intelectual é usado aqui para se referir aos pensadores, estudiosos e escritores que se preocupavam com questões públicas, na segunda metade do século XIX, como é o caso de Labre.

Diante deste fato, pode-se facilmente compreender que Labre possuía condições financeiras que o proporcionaram estudar, viajar e se capacitar intelectualmente, o que o permitiu fundar uma cidade, instituída por ele como Lábrea. Ao que narra Edward Said (2007, p. 14), em sua obra *Orientalismo*, “[...] a história é feita por homens e mulheres, e do mesmo modo ela também pode ser desfeita e reescrita, sempre com vários silêncios e elisões, sempre com formas impostas e desfiguramentos tolerados [...]”. Neste trecho podemos facilmente constatar a importância da figura do narrador. Desta forma, Said (2011, p. 11) discorre que “a narrativa é crucial, a partir da ideia de que as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões do mundo, mas que ao mesmo tempo, elas se tornam um método utilizado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria”.

Através desse pensamento, destacamos a obra *Coronel Labre*, de Hélio Rocha, enquanto um trabalho historiográfico que retrata uma parte da história da Amazônia, esta, em partes, contada A. R. P. Labre, narrador colonizador da época,



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

por meio de seus relatos registrados na obra de Rocha, (2016, p. 140-154), no opúsculo que intitula o próximo tópico.

2 RIO PURÚS

Os motivos econômicos do empreendimento colonial estão, atualmente, esclarecidos por todos os historiadores da colonização, ninguém acredita mais na missão cultural e moral, mesmo original, do colonizador.

Albert Memmi

Através desse pensamento e das narrativas de Hélio Rocha em *Coronel Labre*, que nos apresenta de forma literária dados sobre a vida e a história de uma figura masculina, que é o norte da pesquisa do autor, constatamos como ocorreu o processo de colonização realizado por Labre em uma região habitada por várias etnias conforme relatos em seu opúsculo intitulado *Rio Purús*, objeto de análise deste artigo. De acordo com Rocha, (2016, p. 113-115), no decorrer da sua pesquisa teve contato com apenas parte dos estudos etnográficos de autoria de Labre, intitulado ‘Achy ou os catauchys, estudos ethnographicos de alguns selvagens do Purús’, que foram publicados no jornal ‘Commercio do Amazonas’, em meados de 1880. Ao que indica esses registros, é notória a importância de disseminar e divulgar sobre como ocorreu este processo de civilização e cristandade de indígenas na região do Purús, em busca do progresso. Convém explicitar a origem do nome dado a esta região:

O nome *Purús* deriva-se de purúpurú, que quer dizer pintado (ou myra purú purú, gente pintada, em língua geral). Em tempos idos assim a gente do Amazonas e rio Negro chamavam os selvagens da nação Pamary, moradores neste rio, por serem eles pintados, ou manchados de brancos; e com o andar dos tempos denominou-se o rio – Purús –, simplificando-se a palavra. O nome primitivo dado ao rio pelos Pamary era – Wainy –; e os outros selvagens, que o habitam, dão-lhe diferentes nomes conforme o seu dialecto. (LABRE, 2016, p. 144).

Sobre A. R. P. Labre, o Coronel Labre, como ficou conhecido, era sertanista, explorador, professor, banqueiro, político e escritor, nasceu no Maranhão



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

e viveu entre 1827 a 1899. Conforme Rocha (2016, p. 03) “fundou, organizou e governou uma cidade às margens do Rio Purús, nos anos de 1871”. Quando iniciou sua trajetória de exploração e colonização da região do Purús, se deparou com indígenas em seu habitat natural, vivendo em tribos, nus. Foi de estranhamento inicial se deparar com essa comunidade adepta ainda a seus costumes selvagens em pleno século XIX. Assim foi tomado pelo desejo de civilização, mas também reconheceu que alguns já haviam saído do éden, e apresentavam vergonha pela nudez, certo que já haviam tido contato com outros “brancos”. Atraído pela beleza e riqueza local e ainda impregnado pelo discurso colonialista adquirido em suas viagens pela Europa e Estados Unidos da América, advertiu:

Este escripto é destinado ao povo, e especialmente, áquelles que quizerem se estabelecer no Purús, já com o fim de explorar e colher partido das fontes de riqueza naturaes, em que abunda este país, e já para auferir vantagens da indústria agraria, onde as terras são de uma fertilidade prodigiosa. Aos homens de sciencia, a quem acato como divindades terrenas, peço desculpa dos defeitos e faltas d’este acanhado e humilde fructo de meu trabalho. (LABRE, 2016, p. 141).

Tal fragmento nos permite adentrar nas narrativas do autor sobre este espaço considerado por sua vista e descrito pelas palavras a seguir como um novo mundo, ainda que já habitado:

Nas terras do Purús e seus afluentes há muitas riquezas, e produtos naturaes [...]. Os trabalhadores actuaes levam uma vida e hábitos especiaes; grande parte d’elles, ou talvez, em sua totalidade, vivem com hábitos e costumes de povos nômadees [...] e a maior parte do tempo é perdido no ócio em prejuízo dos interesses próprios. (LABRE, 2016, p. 146-147).

Este país é sem duvida um novo mundo, onde se acha a raça do pae Adão por aqui dispersa, e ainda com os mesmos hábitos e costumes do velho papá, pois ainda não foram expulsos do seu paraíso; não conhecem ainda a nudez, em que vivem; o seu eden é bem fornecido de fructos e animaes, por isso não têm necessidade do trabalho e do inverno. (LABRE, 2016, p. 148)

Ainda, ao que se presume do desfecho desse relato, apresentamos o recorte a seguir, de que somente os homens seriam úteis para desempenhar as obrigações que regem o processo civilizatório:



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Poderiam prestar valiosos serviços á lavoura, e serem cedidos a particulares, que os quizessem por contractos, mediante algumas vantagens. Para o bom resultado seria mui conveniente transportal-os insensivelmente para outros colonizadores, em outras províncias; no fim de três gerações estariam os seus descendentes civilizados, na lavoura, e o Estado teria homens uteis e aproveitáveis. (LABRE, 2016, p. 154)

Nesse viés, Cunha (1975, p. 12) também discorre sobre a colonização na região do rio Purús, pelos migrantes sertanejos nordestinos, que foram capazes de sobreviver aos desmandos que ocorreram com a exploração dos seringais na região Amazônica. Sendo assim, é indispensável explicitar que na passagem inicial deste tópico, nos confrontamos com o primeiro enunciado do registro que deu origem à colonização da região do Purús. Importa salientar que o direcionamento está associado ao chamamento para a exploração da riqueza natural existente naquele espaço territorial indígena, assim como ocupação destas terras, associadas à viabilização do uso da mão-de-obra nativa.

Vejamos que a desigualdade e a injustiça são frutos das condições impostas pelo capitalismo que inserida e mantida por seus ditadores regem o sistema de colonização, mantendo sempre a presença do colonizador em lugares e regiões estrategicamente com farta matéria prima e mão de obra barata. Assim, a partir das palavras de Labre, descritas nos fragmentos do opúsculo *Rio Purús*, privilegiamos a seguir as aparições femininas, tais como foram representadas.

2.1 A MULHER INDÍGENA POR LABRE EM RIO PURÚS

Os sentidos apresentados por Labre, para representar a figura feminina em seu texto é muito claro, e para a época condiz com outros relatos já descritos pela história e pela literatura, no que tange à participação e à existência feminina. Especificamente neste relato, trataremos no âmbito da vivência indígena amazônica retratada no opúsculo ‘Rio Purús’, na obra de Hélio Rocha em *Coronel Labre*, constatada a seguir:



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O paiz regado pelo Purús pertence parte ao Brasil, e parte à Bolívia no mais alto purús; é povoado por mais de trinta nações selvagem, que levam a vida nômade, falando cada povo o seu dialecto diferente, e tendo costumes peculiares. (LABRE, 2016, p. 148).

No texto acima o narrador descreve como vive uma população de indígenas com hábitos e costumes nômades e no ócio. Traços estes decorrentes da abundância de alimentos e meios de sobrevivência retirados da região em qual vivem. Convém esclarecer com a passagem a seguir.

Nas terras do Purús e seus afluentes há muitas riquezas, e produtos naturaes [...]. Os trabalhadores actuais levam uma vida e hábitos especiaes; [...] [...] e a maior parte do tempo é perdido no ócio em prejuízo dos interesses próprios. Viaja-se da foz do Purús á do Ituxy (692 milhas) e não se vê uma plantação, a não ser alguns pés de bananas e canna, e difficilmente nas goteiras de algumas casas (barracas) alguns pés de mandioca e uaipy. (ROCHA, 2016, p. 146-7).

Ao que se possa presumir, seria uma terra sem lei. No entanto, a figura de um chefe reside entre o povoado. Como apresenta o recorte, este detém o poder por hereditariedade. No entanto, não está livre de julgamentos, podendo sofrer represálias e ser deposto. Sobre o assunto apresenta-se a passagem.

O poder, que protege e castiga, reside em um chefe, que toma o nome de principal, ou maioral, chefe, ou capitão (Tucháua em língua geral); a posse d'este poder vem por hereditariedade [...]. Em tais occorencias o chefe é deposto, e substituído imediatamente por outro, [...]. Não há distinção e nem privilegio algum, nem tam pouco para o chefe e sua família, que, nivelada com as outras, trabalha e vive do mesmo modo, não tendo servos ou criados. (LABRE, 2016, p. 148).

Tais fragmentos constataam que diferente do que se pode pensar de um governo monárquico, esse chefe não dispõe de regalias, ou de direitos diferenciados em sua totalidade, pois vive em conformidade com os demais.

No decorrer das passagens, o texto vai revelar a diferenciação com a qual a mulher é descrita pelo narrador. Assim sendo, a leitura permite identificar a figura feminina em posição inferior aos demais membros desta comunidade. Mesmo que sejam pouquíssimas vezes citadas, quando retratadas o são sempre em subjugação ao outro, nitidamente enfatizados nos trechos discorridos por Labre, (2016, p. 149).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

[...] o defloramento também não o é por ser para eles funções mui naturais, tanto que algumas tribos têm por costume casar as filhas na idade infantil, e desde então os maridos tomão o encargo de amparal-as e cuidar d’ellas [...] muitas começam a ser mães antes da puberdade.

Esta gente não exerce a polygamia; excepto o chefe, que, além da mulher, tem direito, querendo, de tomar duas ou três outras mais, porem só os filhos da primeira têm o direito à posse do poder.

As prostitutas são poucas, por serem mui casamenteiros, e na sociedade conjugal não há separação.

Como podemos constatar, o texto *Rio Purús* faz uma representação atenta da imagem feminina quanto sua posição e relevância frente a figura masculina, e até perante a outra figura feminina, tendo em vista sua posição social perante aquela comunidade. Nos trechos a seguir, notamos a realidade vivenciada pelo autor na sua observância em Rio Purús, assim como a questão econômica que norteia o processo de colonização.

Recebem forasteiros ou visitante [...] mediante algumas ofertas insignificantes, como missangas, anzóis, facas, machados, e algumas teteias [...] e por complemento de tudo dão duas ou mais mulheres ao branco, que não a tem, pois a mulher para eles é necessidade contínua. A maior parte das vezes pertence ao chefe fazer a honra ao estrangeiro, e dá as próprias filhas até mesmo as casadas, ao que os maridos não se oppoem porque para esta gente o poder paterno não tem limites, e não há emancipação. Depois voltando as mulheres aos seus postos, algumas há que, na separação, pedem, choram e instam para que as conduzam, acalmando-se porem na esperança da volta, cujas promessas muitos fazem para se verem livres do fardo. (LABRE, 2016, p. 150)

As tribos Manetinery, e Canamary aparão a extremidade do clitóris ás mulheres, ainda infantes (espécie de circuncisão). [...] para cobrir as partes vergonhosas, saia estreita e uma espécie de camisola, veu ou chaille, que cobre do pesçoço á extremidade do seio das mulheres; estes tecidos são ora brancos ou listados de azul, roxo, e vermelho; porem, não vivem habitualmente vestidos. (LABRE, 2016, p. 152-154).

Os fragmentos destacados acima refletem como a figura feminina foi observada, descrita e relatada no decorrer da história literária amazônica vivenciada pelo Coronel Labre em suas expedições aos trópicos amazônicos, mais especificamente a região banhada pelo Rio Purús.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Conforme os registros de Rocha (2016, p. 60) era desejo de Labre civilizar as comunidades indígenas ali existentes e que se encontravam em estado natural, como selvagens, vivendo em tribos, para desta forma trazê-las ao núcleo urbano - a Vila de Lábrea. Ainda assim, não podemos afirmar que as infrações contra a figura feminina sejam medidas pela ausência de civilização.

A observância destes fatos constata que a história e a ficção se unem, mas não se confundem, assim como a cultura e a natureza relacionam-se entre si. Na relação apresentada pelo narrador pode-se constatar que o mesmo se torna testemunha das ocorrências retratadas, vive entre os habitantes dessa região, desenha cautelosamente o que vê e direciona seus registros a quem quiser se estabelecer nessa região, desconsiderando a opinião dos nativos, sendo o autor o colonizador das tribos indígenas Apurinã e Paumari.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No texto *Rio Purús*, observamos uma profunda descaracterização da real existência da figura feminina para a humanidade e seu desenvolvimento comum, onde se descreve a imagem da mulher como um ser de pouca importância e sem opinião. É representada como aquela que serve para atender às necessidades de outro, sem considerar seus interesses pessoais. É possível descrever que essa mulher subserviente, ao que lhe é imposto pelos costumes ao qual está inserida, é sempre acuada e usada conforme a vontade da figura masculina.

Não diferente de questões atuais, a figura ora representada, em meados do século XIX, ainda está presente em vivências do século XX e XXI. A ausência de igualdade é histórica, datando-se desde o período colonial e alcançando o pós-colonialismo enquanto tempo histórico decorrido. Nesse sentido, a continuação da situação subalterna da mulher é um tema importantíssimo não somente nos estudos de análise de textos literários, mas também em outras áreas do conhecimento considerando a realidade atual, quanto à atuação feminina. Parece, portanto, que



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

precisamos de projetos que atentem para a valorização da mulher indígena, em especial.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Cultrix/INL/MEC, 1975.

_____. **Um paraíso perdido**: reunião de ensaios amazônicos. Brasília: Senado Federal, 2000. 393 p.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha; Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

LABRE, A. R. P. Rio Purús. In: ROCHA, Hélio. **Coronel Labre**. São Carlos: Scienza, 2016. p. 140-154.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ROCHA, Hélio. **Coronel Labre**. São Carlos: Scienza, 2016. 234 p.

ROCHA, Hélio. **Microfísicas do imperialismo**: a Amazônia rondoniense e acreana em quatro relatos de viagem. Curitiba: CRV, 2012. 179 p.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. **Rondônia**. São Paulo: Editora Nacional, 1935.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como uma invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.